

T. (238)  
20/4/75  
p. 18

Na IX Sessão Extraordinária do Conselho de Ministros da O. U. A. o camarada presidente Samora Machel usou da palavra na cerimónia de abertura definindo claramente a estratégia a tomar na luta de libertação da África Austral e denunciando todas as manobras imperialistas.

Pelas repercussões internacionais que as suas palavras tiveram e também pela necessidade de alargarmos a divulgação do referido discurso, vamos transcrevê-lo em seguida na íntegra.



# "A ÁFRICA NADA TE COM O REGIME DE I

## ↓ O RECUE IMPERIALISTA

Camaradas,  
Amigos,  
Exbelências,

Reunimo-nos num momento em que os Povos desencadeiam uma ofensiva geral contra o colonialismo e o imperialismo. O colonialismo é destruído, os países independentes lutam para derrubarem a dominação económica e militar do imperialismo e para recuperarem a favor dos seus Povos os recursos naturais. O imperialismo sente-se cercado pela luta popular.

É normal que neste período de ofensiva das massas,

o inimigo isolado e constatando o desmoronamento da sua força, recorra a manobras destinadas a adiar o inevitável.

É neste contexto que devemos analisar a situação da África Austral e consertarmos as nossas opiniões.

Trata-se essencialmente de reforçar a nossa unidade, arma fundamental do combate, e de aplicarmos uma estratégia e tática conducentes à libertação da África Austral.

Todos queremos a independência real do Zimbábue e da Namíbia, todos queremos o fim do regime abominável de apartheid. Sobre este ponto o nosso continente e a humanidade são unânimes.

Contrariamente à propaganda inimiga, nenhum país africano, nenhuma força política responsável do nosso continente, se propôs expulsar o homem branco da África Austral. Porque sempre considerámos o racismo ou a sua variante o sionismo como uma expressão do fascismo, igualmente condenámos o racismo anti-negro, como o racismo anti-branco. Esta também constitui uma posição unânime da África.

A guerra popular de libertação rompeu em Moçambique e Angola a cadeia imperialista que se estendia do Índico ao Atlântico, e modificou com isso a balança de forças na zona: os regimes progressistas da zona consolidaram-se; um regime po-

pular instala-se em Moçambique, com a imensa força mobilizadora do seu exemplo; irreversivelmente Angola será independente; milhares de quilómetros de fronteiras livres cercam o universo concentracionário do imperialismo na África Austral.

A modificação da correlação de forças na zona forçou o regime de Pretória a recuar na sua política tradicional de ameaças, provocações e agressões contra os países limítrofes e a procurar contactos com os Estados vizinhos.

Este recuo é de ordem tática e inscreve-se na perspectiva global imperialista de tentar manter a sua dominação sob novas formas.



# M A DIALOGAR RETÓRIA"

## -Presidente Samora na OUA

Todavia sempre que o inimigo é forçado a recuar pelo nosso combate, é nosso dever explorar a situação, transformar o recuo tático em avanço definitivo das nossas forças, perseguir o inimigo que recua para aniquilá-lo. Este princípio é válido quer se trate de luta armada, quer da luta política ou diplomática.

Uma das questões cruciais para a luta de libertação na África Austral e para a África em geral, é a presença das forças de agressão sul-africanas nos territórios coloniais da Rodésia e Namíbia. A nova correlação de forças permitia que no imediato se impusesse a evacuação dessas forças na Rodésia.

Neste processo, quatro países, a Zâmbia, a Tanzânia, o Botswana e Moçambique, de comum acordo e em ligação constante com os movimentos de libertação do Zimbabwe, agiram no sentido de levar a África do Sul a retirar-se de Zimbabwe.

Uma vez que as forças de agressão sul-africanas constituíam a base sobre a qual se mantinha o regime de Smith, a retirada destas forças criava no plano interno uma nova situação favorável ao desenvolvimento rápido da luta de libertação.

No entanto, para que esta luta de libertação pudesse explorar com sucesso as condições objectivas favoráveis existentes no plano in-

terno e exterior, era absolutamente necessário que fossem aplicadas as decisões permanentes da OUA: a saber, a unificação do movimento de libertação do Zimbabwe.

Cercado nas suas fronteiras, sem forças militares eficientes, Smith só dispunha dum trunfo: a divisão do movimento de libertação.

Agindo no sentido do interesse do Povo do Zimbabwe e de acordo com as resoluções da OUA, os nossos quatro países engajaram-se na batalha da unidade do movimento de libertação do Zimbabwe.

Em Dezembro do ano passado, em Lusaka, a ZAPU, a ZANU, a FROLIZI e a ANC assinaram um proto-

colo de unificação no seio da ANC.

Sentimos que isso constituía uma vitória maior para a luta de libertação do nosso continente e constatamos que essa também foi a opinião da XXIV sessão do Comité de Libertação, assim como da XXIV sessão ordinária do Conselho de Ministros da OUA.

### ↓ O DIVISIONISMO ARMA UTILIZADA PELO INIMIGO

Camarada Presidente Julius Nyerere,  
Camaradas,  
Amigos,  
Excelências,

O inimigo sabia que a sua força principal era a divisão,

que uma vez unido, o movimento de libertação, no campo de batalha e na mesa de negociações seria vitorioso.

Por isso mesmo o inimigo engajou-se na batalha contra a unidade consciente que se tratava duma batalha decisiva.

Explorando ambições mesquinhas, recorrendo à sua arma tradicional do tribalismo e do regionalismo, o inimigo procurou agudizar as contradições entre pessoas, para minar o movimento de libertação.

Tendo atizado as contradições, o inimigo pôde então definir os alvos. É neste quadro que tem lugar o processo contra Ndambaningu Sithole, processo que pela maneira como se desenvolveu, obviamente só se propunha atingir um objectivo: lançar a dúvida e confusão sobre Ndambaningu Sithole, estimular a divisão no seio do movimento de libertação.

É neste quadro ainda que se insere o assassinato do nosso companheiro, amigo e combatente, Herbert Chitepo, eminente figura de patriota e militante da causa nacionalista. O assassinato de Herbert Chitepo destinase a cristalizar a divisão no seio das forças patrióticas, a justificar a campanha inimiga acerca da pretensa incapacidade do movimento de libertação em ultrapassar querelas tribais e pessoais.

Tendo cometido o crime na Zâmbia, o inimigo quis também desacreditar uma base segura do movimento de libertação, fazer crer ao Povo do Zimbabwe, à África e ao mundo, que um país que consente todos os sacrifícios pela causa de libertação, é inseguro para os movimentos de libertação.

Porque a verdade e só ela é revolucionária, porque só ela pode servir a causa da luta, nós apoiamos inteiramente as medidas justas tomadas pela UNIP e pelo Governo da Zâmbia, destinadas a esclarecer-nos sobre este crime; descobrir-se a rede inimiga infiltrada no seio do movimento de libertação, descobrir-se os elementos que para satisfazerem as suas ambições se aliam ao inimigo, e permitir o reforço do movimento de libertação pela purificação das suas fileiras.

## ↓ O POVO MOÇAMBICANO E O SEU DEVER INTERNACIONALISTA

Camarada Presidente Julius Nyerere,  
Camaradas,  
Amigos,  
Excelências,

Durante os anos de guerra, o Povo moçambicano dirigido pela FRELIMO, na medida das suas possibilidades, cumpriu o seu dever internacionalista. As forças rodesianas, diversas vezes agrediram o nosso país, bombardearam e atacaram o nosso Povo, cometeram massacres como os de Mucumbura, para nos obrigarem a recuar no cumprimento do nosso dever internacionalista.

Cada crime cometido reforçou a determinação do nosso Povo, consolidou a nossa convicção que a nossa luta e liberdade, eram inseparáveis da luta e da liberdade dos outros Povos oprimidos.

Ao fim de dez anos vencemos a guerra de agressão colonial-imperialista. Queremos como sempre quizermos a Paz, mas estamos seguros, como sempre estivemos que a nossa liberdade, o Poder Popular em Moçambique, são inseparáveis da liberdade dos Povos irmãos.

Moçambique, como no passado, cumprirá o seu dever internacionalista.

Apoiamos inteiramente a luta unida do Povo de Zimbabwe sob a direcção do Conselho Nacional Africano — ANC.

Que esta luta se proceda sob a forma de luta armada, de luta política, de luta diplomática, que em certos momentos uma destas formas seja a forma principal ou não, isto é da única responsabilidade do Povo de Zimbabwe e da sua direcção, a ANC.

Porque consideramos a ANC uma organização responsável e representativa do Povo, apoiaremos as formas de luta que ela determinar, porque estamos seguros que ela determinará a forma correcta de luta, em função da situação, em função da tática adoptada pelo inimigo.

O que não podemos apoiar é a divisão; não podemos apoiar as ambições de indivíduos contra o Povo; não podemos apoiar definições erradas do inimigo. Em última análise essa é a razão principal da nossa oposição a Smith: a divisão do Povo em função da cor, a ambição dum punhado em explorar as massas, a definição da maioria como objecto de repressão.

## ↓ NAMÍBIA UMA COLÓNIA SUL-AFRICANA

Camarada Presidente Julius Nyerere,  
Camaradas,  
Amigos,  
Excelências,

A situação da Namíbia é clara: trata-se de um país ocupado ilegalmente por outro, de um Povo dominado por uma potência estrangeira, trata-se em resumo duma situação colonial.

Inúmeras resoluções da Organização da Unidade Africana e da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) tornou evidente a vontade das massas em conquistarem a independência da Pátria ao seu todo territorial.

O direito à independência e integridade territorial é um direito inalienável que não pode ser discutido. A representatividade daqueles que oferecem a sua vida e sacrifícios por esse direito, foi conquistada nos rigores da prisão, nas difíceis condições da luta armada.

Se o governo sul-africano, sinceramente, como pretende, deseja pôr termo à situação colonial e à sua guerra de agressão contra o Povo da Namíbia, deverá reconhecer o direito do Povo da Namíbia à sua independência no seu todo territorial e reconhecer a SWAPO como representante legítimo do Povo da Namíbia.

A acção da Zâmbia, Tanzânia, Botswana e Moçambique em relação à Namíbia funda-se nos princípios que acabamos de enunciar.

## ↓ ÁFRICA DO SUL OS ANTAGONISMOS NÃO SÃO RACIAIS

Camarada Presidente Julius Nyerere,  
Camaradas,  
Amigos,  
Excelências,

A África do Sul é um país soberano africano, excluído

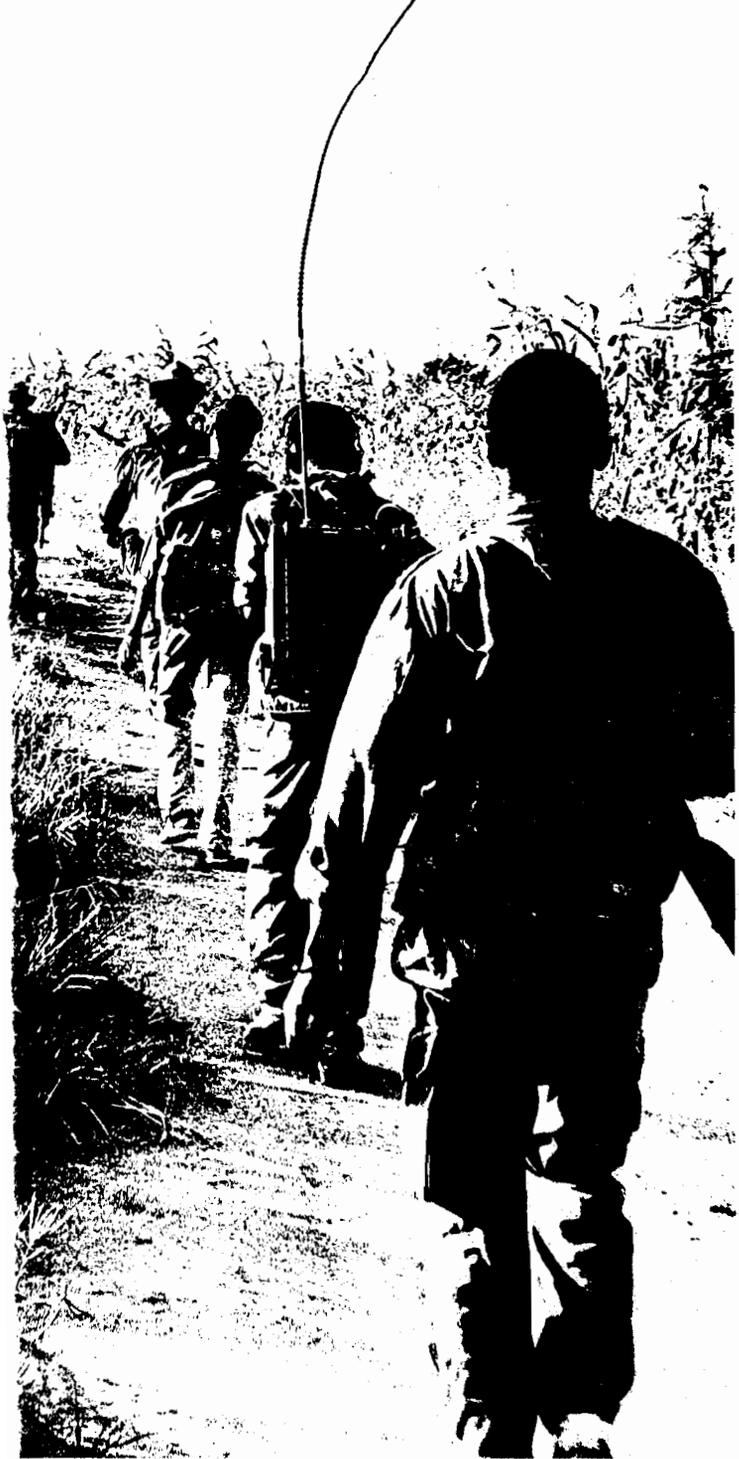


da nossa comunidade e da comunidade internacional por causa duma política abominável e atroz, o apartheid.

O sistema imperialista para melhor explorar o Povo sul-africano, compartimentou-o em raças e pretende ainda dividi-lo mais, fragmentando o país na base tribal, criando estados fantoches e atrasados, satélites dum estado capitalista avançado.

Não se trata dum problema de antagonismos raciais, porque não existe qualquer contradição entre raças. As divisões e antagonismos existentes foram deliberadamente criados por um punhado de exploradores para manterem a dominação.

Como a prática o demon-



tra em Moçambique, e em toda a parte do mundo, o que une e separa os homens é a sua atitude em relação às largas massas trabalhadoras. Homens de todas as cores quando explorados e oprimidos unem-se e derrubam o poder dum punhado que os oprime e explora. Esta é a lei do desenvolvimento da História.

O Povo sul-africano composto por homens de todas as raças, cada dia intensifica o seu combate contra o poder duma minoria que procura camuflar e exploração brutal sob a máscara da supremacia racial.

Neste combate justo o Povo sul-africano goza da simpatia e apoio total de

Moçambique, da África, da humanidade.

Para romper o seu isolamento o regime de Pretória, nos últimos tempos, procura estabelecer contactos e relações com diversos países africanos.

Seria um erro grave da nossa parte, uma traição para com a luta de África e de todos os Povos oprimidos, cairmos nesta manobra imperialista.

A África nada tem a dialogar com o regime de Pretória. Se o regime racista quer dialogar, a OUA já definiu os interlocutores, que são os representantes legítimos do Povo, a saber: os movimentos de libertação, a ANC e o PAC. Se um país africano entende que

uma nova perspectiva, uma nova tática são necessárias, deve primeiramente consultar os representantes legítimos do Povo, os movimentos de libertação, e concertar com eles a sua opinião. Deve ainda consultar os países irmãos da África, para que todos em conjunto assumam uma posição idêntica e se mantenha a nossa frente unida.

Sejamos claros: as iniciativas da Zâmbia, Tanzânia, Botswana e Moçambique nada têm a ver com a chamada política do diálogo.

Os contactos tidos não visam qualquer objectivo de ajuda ou interesse económico ou ligação política. Eles destinam-se exclusivamente a conduzir a África do Sul a retirar as suas tropas da Rodésia, a respeitar o direito do Povo da Namíbia à independência e integridade territoriais, obrigar a África do Sul a respeitar o princípio universal de não ingerência nos assuntos internos dos outros países.

A aplicação do princípio de não ingerência nos assuntos internos rege a vida dos Estados na comunidade internacional. Este princípio todavia não exclui a nossa identificação e solidariedade com a luta popular em qualquer país. Especificamente, apoiamos a luta do Povo da África do Sul pelos direitos do homem, condenamos e isolamos a política anti-humana do apartheid, estaremos sempre ao lado do movimento de libertação.

### ANGOLA: BLOQUEAR A GUERRA CIVIL E AS MANOBRAS IMPERIALISTAS

Camarada Presidente Julius Nyerere,  
Camaradas,  
Amigos,  
Excelências,

A situação em Angola requer a nossa atenção. Graves incidentes têm tido lugar nesse país irmão. Há risco de guerra civil, há o perigo que o clima de instabilidade ponha em causa o processo da independência total e da integridade territorial. Há sobretudo a preocupação imperialista de encontrar o pretexto de intervir para salvaguardar o seu sistema de pilhagem e exploração, intensificar o comércio de armamento e utilizar o país como terreno de experiência para as suas novas armas.

O respeito pelos sacrifícios consentidos pelas massas populares para conquistar a independência, o interesse da África em ter uma An-

gola unida, livre, democrática e próspera impõe-nos a todos o dever fundamental de bloquearmos o processo conducente à guerra civil e à intervenção imperialista.

As demonstrações de força contra o povo, historicamente estão condenadas ao fracasso. O Povo angolano em 14 anos de luta armada demonstrou claramente que não se deixava intimidar pelo terrorismo colonialista.

A FRELIMO e o Povo moçambicano, guiados pelos interesses das massas populares de Angola, como no passado, apoiarão a luta do Povo irmão contra a guerra civil, contra a agressão imperialista, por uma Angola unida, independente, democrática, próspera, uma Angola que corresponda ao sangue e a todos os sacrifícios consentidos.

### AFRICA AUSTRAL A LUTA CONTINUA

Camarada Presidente Julius Nyerere,  
Camaradas,  
Amigos,  
Excelências,

Em Janeiro deste ano o Comité de Libertação adoptou os princípios que definem a actual estratégia do nosso continente. Estes princípios foram aprovados pela XXIV sessão do Conselho de Ministros da OUA.

Eles definem a estratégia e tática do nosso continente em relação à dominação imperialista no sul do nosso continente.

Estes princípios tornam-nos aptos a enfrentar o inimigo em todos os campos, armam-nos da flexibilidade necessária para neutralizar as velhas e novas táticas do inimigo.

Reforçarmos a nossa unidade de combate na base da plataforma política justa aprovada pelo Comité de Libertação e do Conselho de Ministros é uma condição essencial da vitória e uma exigência do combate comum.

VIVA A LUTA ANTI-IMPERIALISTA DA AFRICA!  
VIVA A LUTA DE LIBERTAÇÃO DA AFRICA AUSTRAL!  
A LUTA CONTINUA!